

A TEMÁTICA DO AMOR NO LIVRO I DOS EPIGRAMAS DE HENRIQUE CAIADO

Prof. Dr. Márcio Luiz Moitinha Ribeiro (UERJ)

RESUMO: Tendo selecionado 15 epigramas do livro I, de Henrique Caiado, apresentaremos os nossos comentários, com ponto de vista crítico, acerca do amor nestes epigramas. Eis alguns questionamentos pertinentes, que surgirão ao longo de nosso trabalho: Como o Deus do Amor, Cupido, é descrito por Henrique Caiado? Como é percebido o amor em sua *poésis*¹? O poeta valoriza mais o amor *éros* ou *philia*? Quais os poetas, que serviram de inspiração e de paradigma ao poeta e que são retratados ao longo de alguns de seus epigramas?

Palavras-chave: Amor *éros*, amor *philia*, epigramas, Henrique Caiado.

Tendo defendido a minha tese na USP, em maio de 2011, acerca de *o Estudo e a Tradução dos dois livros de Epigramas, de Henrique Caiado*, pesquisa acadêmica com mais de 500 laudas, deveras de cunho original e hercúleo, visto que laboramos com poemas epigramáticos renascentistas, nunca antes traduzidos na íntegra para o vernáculo ou para qualquer língua estrangeira. Propomos analisar com comentários pertinentes a temática universal e cativante do amor no livro I, patente em alguns epigramas do poeta português, supracitado.

Ao todo são 15 epigramas² do livro I, que retratam o amor. A saber: II, XV, XX, XXII, XXVI, XXVII, XXX, XL, XLIII, LV, LVII, LX, LXIII, LXVI e LXXXI.

Epigrama II

Caiado, no segundo epigrama, ao invés de dedicar o poema a algum personagem ilustre português, decide colocar o nome do Deus do Amor, Cupido. Na verdade, não tece encômios ao Deus, mas critica-o, chamando-o de dissimulado e medroso.

Cupido denomina-se senhor de seu reino e possuidor da aljava e do arco soante. Que reino? Poderíamos perguntar: o do amor no qual não há lugar para a inveja e, neste

¹ Criação poética.

² Caso haja interesse do leitor em ler a tradução inédita dos epigramas, basta acessar a biblioteca digital da USP e digitar o nome de minha tese: *Epigramas de Henrique Caiado: Estudo e Tradução dos livros I e II*.

império, o próprio Deus do Amor é maior do que o próprio Júpiter, como Cupido afirma no epigrama, selecionado. Trata-se de um deus orgulhoso e ciente de seu grande poder: ninguém pode resistir ao seu amor.

Não há alusões a um amor carnal, apenas fica patente o ponto de vista do poeta acerca deste Deus, tão presente na poesia clássica.

Epigrama XV

Neste epigrama, há alusões mitológicas: a Vênus, deusa do amor e mãe de Cupido, e a Baco, deus do vinho. Vênus, metonímia do amor, Baco, do vinho, respectivamente, mais os jogos são vocábulos selecionados pelo poeta, que serviram apenas para criticar os costumes da época. Caiado com certo saudosismo nos apresenta um tempo passado melhor, com seus antepassados e com suas artes, do que o tempo presente. O poeta afirma a nós que nasceu num século miserável, numa lama de homens (v.6) e cita: *misera ó saecula* (“ó míseros séculos”), lembrando-nos de Cícero em suas *Catilinárias* nas expressões: *ó Mores, ó Tempora* (“ó costumes, ó tempos passados”!). Quem muito lamentou também os tempos de outrora, foi o historiador Salústio em seus textos históricos. Vale a pena ler a tradução para o vernáculo do livro: *A Conjuração de Catilina e a Guerra de Jugurta*, publicado pela Editora Vozes do eminente docente Dr. Antonio da Silveira Mendonça, da USP, o maior especialista em historiografia de Roma do Brasil, que tivemos o prazer de conhecer em nossos estudos de pós-graduação *stricto sensu*.

Epigrama XX

No epigrama XX, dedicado a Eberaco, há de fato um personagem estrangeiro, cujo nome é Lantono, proveniente da Bretanha. Diz o epigrama que este deixou tudo o que lhe aprazia: as meninas cantantes, os jogos e a sua própria esposa, que não conseguiu persuadi-lo e comovê-lo a ficar em sua casa. Para nós, começa a se entrever uma visão pessimista na poesia epigramática de Caiado, acerca do amor *éros*. Em contrapartida, fica patente o seu apreço pelo amor *phília*, o amor amizade, que para o poeta está acima de qualquer outro amor. Para Lantono, a amizade a Eberaco motivava-o a passar por qual quer tipo de privações ou saudades, superava até o amor de sua

esposa, as vicissitudes, os sofrimentos e os perigos que ele precisaria enfrentar para agradar ao seu amigo, supracitado.

Epigrama XXII

‘Inicia-se com uma interrogação que nos leva à reflexão: *Quem nos fallit amor?* (“A quem o amor não logra?”). Quando estamos apaixonados, ficamos cegos pela pessoa amada e certamente não vemos os seus defeitos. No segundo verso, assim diz o poeta: (...) *non bene censet amor* (“o amor não julga bem”). Percebemos mais uma vez a visão pessimista que Caiado tem, acerca do amor *éros*, ainda corroborada pela preferência, em alegrar-se com o amor a uma mulher feita, ao amor da pastora Neera, esta presente nos versos vergilianos, da terceira bucólica.

Também, são dignas de nota duas passagens: 1º.) a valorização mais uma vez do amor amizade (*phília*, no 4º. verso); 2º.) e, quando o nosso poeta nos diz que ele não teve oportunidade de ter dito “coisas dignas” ao seu jovem e belo, Felipe. Notemos, com bastante atenção, a presença significativa e sugestiva deste pronome possessivo de primeira pessoa *meo*, que com certeza não foi posto nos versos sem alguma intenção e alusão, além da métrica.

Epigrama XXVI

Dedicado a Ângelo Policiano, o poeta se declara, amado pelas musas do Parnaso e, no porvir, espera os prêmios pelos seus serviços, pelo ato de escrever poesias e de registrar para sempre em versos latinos a vida dos personagens ilustres de sua época. Certamente com o deferimento de seu mestre, Ângelo Policiano³. Vale lembrar que Caiado continua a escrever seus epigramas, mesmo deixando o seu amado país por amor às musas do Parnaso.

Epigrama XXVII

³ Henrique Caiado tinha grande apreço pelo seu mestre, Ângelo Policiano, cujo ensino ambicionava. No epigrama acima, Caiado certamente immortalizou seu professor e este deveria estar ainda vivendo para que este epigrama o immortalizasse. Vejamos abaixo a tradução de Claudie Balavoine, que corrobora a nossa afirmação:

“Eu deixei meu país por amor às Musas
por esse lugar onde floresce o Parnaso divino.
Eu ganharei um dia as mais belas medalhas
sim eu sou, ó Policiano, guiado por teus presságios.”
(H. Cayado, *Epigrama XXVI*)

Ensina-nos que a desobediência aos pais por causa de um amor ímprobo e apaixonante, levou à morte de ambos, os amantes.

Fica a interrogação para posterior reflexão: vale à pena amar escondido, praticar o amor *éros* e morrer prematuramente?

Epigrama XXX

Diz respeito ao amor “páthos”, isto é, ao amor-paixão, que queima os corações dos amantes, Diogo e Caiado, amor este que nenhuma água pode apagar (Cf. versos 1-2).

O poeta fala, acerca de um duro amor pelo qual passa, porque não há cumplicidade no amor por parte da amante. Os “dardos” dela eram insignificantes, nulos e passivos, embora o poeta fosse casto, douto e puro, como ele mesmo nos afirma.

No 11º. verso, há alusão a Cupido, que percebe seus dardos serem desdenhados e lança outros para acender a chama do amor dos amantes, desta maneira cresce ainda mais as flamas do “amor” no coração do poeta, como também o desejo de morrer por causa de seu sofrimento. Diz o poeta que o fogo da sua paixão é maior do que as ondas do oceano (vs. 13-14), mas só há sofrimento unilateral, solitário, sem cumplicidade e sem alusões à amada.

Enfim, para o poeta, o amor *éros*, carnal, é prejudicial à saúde do corpo, pois leva ao sofrimento e ao desejo de morte, mormente, quando o amante poeta não é correspondido.

Epigrama XL

Inicia-se o presente epigrama com uma alusão ao mito de Orfeu, que foi ao Hades com lira melodiosa para trazer de volta à sua amada esposa, Eurídice, morta pela picada da serpente. Com as mãos na corda da lira, Orfeu hipnotiza todos os seres e objetos que estão à sua frente e liberta a sua amada (cf. 5-6). Paralelamente ao mito, Caiado se refere a André Magnânimo, crente na barbárie, que em nada pode ser comovida, nem pela lira de Orfeu e muito menos pelo amor de alguém. No entanto, André percebe que estava equivocado e cede vencido ao invencível amor, este que doma os Deuses Superiores e o próprio Júpiter (Cf. versos 9-10).

Epigrama XLIII

‘Há alusões aos poetas Ovídio e Tibulo que são, no nosso ponto de vista, fontes preciosas de suas inspirações poéticas, acerca do amor, pois Caiado não faria menção a estes poetas gratuitamente.

Também, concluímos, pelas próprias palavras do poeta, que Caiado deseja ser parecido com dois poetas aos quais nos referimos acima.

Epigrama LV

Dedicado a Gabriel Tássino. O poeta afirma que a eloquência, a virtude, o estudo e o virtuoso amor de Gabriel se uniram a Caiado. Este também defende o amor amizade, como amor virtuoso e que perdura para sempre. Assim, constatamos o pensamento do poeta nos dois derradeiros versos deste epigrama.

Epigrama LVII

Caiado, dos versos 14 ao 18, refere-se às inquietações amorosas que vêm aos ânimos dos homens, porém com as viagens ultramarinas, com os perigos e, sobretudo, com a ansiedade e a dor, os mares cessam esta paixão e as “chamas” das mentes, saudosas dos tripulantes da nau, esfriam com os perigos do além-mar.

Epigrama LX

O vocábulo “amor”, no terceiro verso, está ligado, mais uma vez, à questão da amizade das pessoas e de todos os que aprovam o poder ditatorial, mas justo e seguro de Ângelo Ranúcio.

Epigrama LXIII

Considerado extenso com 38 versos. As alusões a Cupido e ao amor desídia (desejo carnal) iniciam-se no nono verso e se estendem até ao décimo-terceiro; depois, de um pequena digressão, patente dos versos décimo-quarto ao décimo-sexto, o poeta

volta à questão do amor, propriamente dito, dos versos décimo-sétimo ao vigésimo-quarto.

Do nono ao décimo-terceiro, podemos constatar que o poeta não tem desejos carnavais e se os possuir, atribui-se a culpa ao Deus Cupido. Mas, Caiado diz que os efeitos dos dardos não duram para sempre, como a nossa vida, efêmera e que se renova com as mudanças de opiniões.

A partir do décimo-sétimo verso, após às digressões, nosso poeta cria a imagem do amor vagueando com suas incertas penas e atingindo os corações humanos, porém afirma: “O amor não dura para sempre.” (v. 18)

Outra imagem belíssima diz respeito à comparação do calmo amor, que o poeta nos apresenta, mais do que a água estagnada e do que o plácido pântano, no entanto pode maltratar bastante um mísero peito. Caiado pede ao Deus do Amor para que este cesse de lançar os dardos no poeta e aconselha ao Deus a abrir os seus olhos e a dirigir o seu arco sonante a outros corações, pois ele, poeta, não merece este castigo: amar como obrigação.

Epigrama LXVI

Epigrama engendrado a fim de criticar o mau poeta, Zoilo, comparado à serpente. Caiado, tão injustamente criticado por ele, pergunta ironicamente a Zoilo, se este poderia ser melhor do que Virgílio no canto? Henrique Caiado aconselha-o, também, afirmando que o relevante é ser você mesmo, sendo a própria pessoa, sem dissimulações e sem fingimentos.

Quanto à temática amorosa, o nosso poeta afirma que ama os cultivadores das Musas e os doutos. Obviamente, trata-se do amor mais cultivado pelo poeta: o amor amizade (*philía*).

Epigrama LXXXI

‘No penúltimo epigrama do Livro I, Henrique Caiado cita o nome de três poetas romanos que abordaram a temática do amor em Roma e que serviram de paradigma ao nosso poeta: Vergílio, Ovídio e Tibulo (cf. vs 13-14), ilustríssimos poetas, em oposição aos maus de sua época: Baldo, Progredi e Cino.

Feita a leitura dos poemas epigramáticos, selecionados do livro I, podemos concluir que se o poeta, Henrique Caiado, possuiu alguma amada, certamente sofreu muito por ela, pois sua visão amorosa é frequentemente pessimista ao longo de seus epigramas, como pudemos perceber, desde à alusão ao Deus Cupido no epigrama II até o final do livro I. Configura-se e sobrepõe-se, deveras o amor *phília* (amizade) que para ele é muito mais valioso do que o amor *éros* ou ao amor-paixão. Poucas vezes, encontramos o poeta retratando o amor com boas palavras, com bons encômios, enfim com bom tom.

Não conhecemos nenhum labor, de cunho epigramático e renascentista, que diz respeito à temática específica do amor no *livro I dos Epigramas de Henrique Caiado*⁴ e nem, textos acadêmicos que aludem a temática amorosa em outros poetas renascentistas, coetâneos ao poeta, ratificando assim que há muita pesquisa inédita a ser feita no campo do latim renascentista. O que pudemos citar nas ínfimas referências bibliográficas são frutos de nossa pesquisa e, dos poucos autores que retrataram a vida do poeta, ou o que o próprio registrou em latim em suas poesias e que chegou até nós. Portanto, sobre a questão do amor nos epigramas de Caiado, nada conseguimos, infelizmente, para registrar nas fontes bibliográficas de modo que nossa pesquisa monográfica, talvez seja a primeira a tratar sobre este assunto específico. Destarte, acreditamos que o nosso trabalho possa contribuir e servir de alicerce para vindouros trabalhos acadêmicos, mormente, àqueles que desejam especializar-se em latim renascentista e a doutorar-se nesta área específica.

Henrique Caiado, em seus epigramas, refletiu a época renascentista na qual viveu em Portugal com os seus costumes e personagens ilustres aos quais aludiu ao longo dos seus epigramas. Seus poemas têm um valor não só histórico, como também literário. Quando Caiado faz alusão ao amor, como vimos ao longo da leitura do livro I de epigramas, não poderia ser diferente, não havia deveras o valor histórico, mas certamente estavam presentes os valores estético-literários, visto que nos poemas epigramáticos, encontram-se: a) vários recursos estilísticos, engendrados com perfeição pelo poeta; b) e algumas alusões a poetas clássicos que retrataram o amor em Roma no período clássico como Vergílio, Tibulo e Ovídio.

Percebemos que nos epigramas não há muito espaço para o amor, sobretudo carnal. Uma das explicações, que não poderíamos deixar de registrar, foi que o poeta

⁴ Poeta de nossa pesquisa de doutorado e de especialização *Lato Sensu* em Língua Latina da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

viveu num período muito conturbado da nossa história renascentista na qual predominaram as viagens ultramarinas e conseqüentemente as novas descobertas, justifica-se por isto a presença, nos versos epigramáticos, de muitos vocábulos do campo semântico bélico: há alusões ao Deus Marte, a pelotões, a trombetas, guerras. Vejamos como exemplo ilustrativo o epigrama XVII, do livro I, quando o poeta já dizia:

*Temporibus nostris praesertim, regnat enim Mars:
et Pallas tegitur casside saeva comas.
Carmina nulla placent: sunt curae civibus arma:
Sanguinolenta volant arma per ora virum.
Hinc ego materiam sumpsi, causamque canendi
nactus, pastorum verba notanda dedi.*

“Nos nossos tempos especialmente reina de fato Marte⁵
e a seva Palas está revestida nas comas pelo capacete de metal.
Nenhuns cantos agradam, são inquietações para os cidadãos as armas.
Sanguinolentas armas voam pelas faces dos varões.
Deste lugar eu tomei o assunto e encontrei a causa do cantar,
expus dos pastores as palavras que devem ser anotadas.” 10

E perguntamos para a nossa derradeira reflexão, acerca da temática do amor nos epigramas de Caiado: como haveria espaço para tratar do amor num período tão agitado, como o tempo do poeta? Também, não nos esqueçamos de que o poeta não tinha tempo para amar, só para estudar, para trabalhar, para fazer novas amizades, para viajar e para escrever poemas em latim. O próprio Caiado solicita a Cupido, cego menino, no epigrama LXIII, versos 23 e 24, que cesse de atingi-lo com os seus dardos, mas que atinja a outros corações.

O nosso poeta não quer amar simplesmente uma mortal, apenas as musas do Parnaso, como ele próprio diz em um de seus epigramas. Deseja, sim, amar as suas verdadeiras amizades, a sua pátria e os seus parentes, tratando-se evidentemente de amor *philía*. Para Caiado, o amor *philía* é muito superior ao amor *éros*, como

⁵ A guerra está sempre patente na época renascentista de Caiado.

constatamos no epigrama XX. Outros pontos positivos do ponto de vista do poeta, acerca deste amor, podemos encontrar, no epigrama II, quando diz que o poder do amor doma qualquer um, até os deuses, graças ao seu magno poder. No XXVI, Caiado diz que deixou o amor à pátria portuguesa para amar as musas do Parnaso. O epigrama LXVI vem a confirmar o que foi dito anteriormente, o poeta ama os cultivadores das Musas e elas próprias. (Cf. no v. 15)

Paralelamente a alguns pontos positivos acima citados, Caiado apresenta em maior quantidade o amor com os seus aspectos negativos. Vejamos alguns: no epigrama II, Cupido nos é apresentado, como um deus dissimulado e temeroso. No XV, o amor governa os tempos do poeta, como também o vinho e os jogos, e o primeiro gera costumes degradantes à sociedade; No XXII, o amor-paixão cega, engana e não julga bem, em oposição ao amor amizade, que deve ser mais valorizado por todos; Outrossim, constatamos que o amor pode até levar à morte pela desobediência aos pais, patente no epigrama XXVII; no XXX, o amor é visto como paixão e “chama ardente”, que cresce bastante e que faz muito sofrer! Portanto, o amor *éros* leva-nos ao sofrimento e à morte sob o ponto de vista de Henrique Caiado; no LVII, o poeta nos ensina que, nos perigos, todas as inquietações amorosas se dissipam e se dissolvem. O epigrama LXIII apresenta-nos um amor que faz sevícia, isto é, que maltrata o amante (cf. v. 21) e por fim o derradeiro, como despedida e encerramento do livro I, Caiado registra o nome de três eminentes poetas clássicos que retrataram o amor em Roma: Vergílio, Ovídio e Tibulo com o intuito de criticar três péssimos poetas, coetâneos de Caiado: Rofredi, Cino e Sózino, crítica tão frequente, que podemos atestar também nos epigramas de Marcial.

Assim, finalizamos o nosso trabalho, convocando novos especialistas de latim a pesquisar outras temáticas das obras de Henrique Caiado e a elaborar cotejos com outros poetas clássicos ou até renascentistas.

Referências bibliográficas:

ANDRÉ, Carlos Ascenso. *Mal de Ausência (O canto do exílio na lírica do humanismo português)*. Coimbra, 1992.

A. PELIZZARI. *Un documento degli Studio di Enrico Caiado in Italia*. Rassegna Bibliografica della Letteratura Italiana 16 (1908).

BALAVOINE, Claudie. *Les Églogues D' Henrique Caiado ou L'Humanisme Portugais à la Conquête de la Poesie Néo-Latine*. Lisboa-Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

BAYET, Jean. *Littérature latine*. Paris: Armand Colin, 1965.

BATTAILLON, Marcel. *Études Sur le Portugal au Temps de L'Humanisme*. Paris: Acta Universitatis Conimbrigensis, 1952.

BISCETTI, Rita. *Contributo alla storia dell'umanesimo portoghese - il primo libro degli Epigrammi di Henrique Cayado*, Paris - Fundação Calouste Gulbenkian, - 1978, sep. do Arquivo do Centro Cultural Português.

CAYADO, Henrique. *Aeglogae et Silvae et Epigrammata Hermici* (disponibilizada na biblioteca digital da Faculdade de Coimbra). 2ª edição de Bolonha, 1501.

CESILA, Robson Tadeu. *Metapoesia nos epigramas de Marcial: Tradução e Análise*. Dissertação de mestrado em Letras Clássicas do departamento de Língua e Literatura do Instituto de Estudos da Língua da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). São Paulo, 2004.

GONÇALVES, Rebêlo. *As Éclogas de Henrique Caiado*. In: *Filologia e Literatura*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

----- . *O Humanismo de Rui Barbosa*. In: *Filologia e Literatura*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

H. A. D. J. PIMENTEL. *Contribuição para o estudo do bucolismo em Portugal: as Éclogas de Henrique Caiado*. Lisboa, 1942 (diss. dact. – Fac. Letras – Lisboa).

HUMANITAS, Revista. In: *As Éclogas de Henrique Caiado*. Vols. II e III da Nova Série (Vols. V e VI da Série Contínua). Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Instituto de Estudos Clássicos. Coimbra: MCMLIII-IV.

MARCIAL, *Epigramas. Clássicos Gregos e Latinos*. São Paulo: Edições 70, vol. 4.

MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. *Les Genres Littéraires à Rome*. Préface de Jacques Perret. Tome II. Paris: Scodel, 1981.

MONTEIRO, Emanuel. *Vita Hermici Cayado iure consulti Ulyssiponensis*. In *Corpus Illustrium Lusitanorum qui latine scripserunt*. Tomo I, Lisbonne, 1745. pp. 35-41.

MUSTARD, Wilfred. *The Eclogues of Henrique Cayado*. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1931.

PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha. *Epigramas de Henrique Caiado: Estudo e Tradução dos Livros I e II*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP. 2011.

RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha. *A Poesia Pastoril: As Bucólicas de Virgílio*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2006.

ROSA, Tomás da. *As Éclogas de Henrique Caiado*. Separata de Humanitas. Vols. I e II da Nova Série. (Vols. V e VI da Série Contínua). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 1954.

TANNUS, Carlos Antonio Kalil. *Um olhar sobre a Literatura Novilatina em Portugal*. In: Revista Calíope – Presença Clássica. Número 16, Rio de Janeiro: UFRJ, Dez/2007.